

A QUESTÃO DO LIVRO ENQUANTO ARQUIVO BIOLÓGICO

Antônio da Mata¹

RESUMO: No alvorecer do sec. XXI Christian Bök, um poeta experimental canadense, dá início àquilo que chama de “Experimento Xenotexto”, um híbrido entre poesia e bioengenharia. O “Experimento” orquestra uma rede de agências geralmente não explícitas quando se trata do fazer literário, uma vez que Bök pretende inserir um gene artificial dentro de uma bactéria extremófila (a *Deinococcus Radioduras*) com a intenção de produzir um organismo não humano que seja a um só tempo capaz de armazenar e produzir um poema. Nesse artigo, gostaria de delinear um aspecto específico do projeto: aquele que se relaciona a própria noção de arquivamento. Ora, se como afirma Derrida, a estrutura arquivante determina a própria qualidade e matéria do arquivo, do que seria de um texto, e do jogo de sentidos e temporalidades que esse estabelece, quando inserido em um bactéria que provavelmente sobreviverá (literalmente) a todos os leitores humanos que jamais tenham contato com ela? O que restaria, portanto, da própria ideia de leitura (e de todo um sistema correlato, como a escritura e a autoria)? É a partir do Xenotexto, e das peculiaridades conceituais que esse propõe em relação a própria ideia de arquivo, que acredito que estaríamos diante de um tipo de Xenoescritura.

Palavras chave: Christian Bök; Experimento Xenotexto; Arquivo; Derrida.

ABSTRACT: At the dawn of the century. XXI Christian Bök, a Canadian experimental poet, begins what he calls the “Xenotext Experiment”, a hybrid between poetry and bioengineering. The “Experiment” orchestrates a network of agencies that are generally not explicit when it comes to literary work, since Bök intends to insert an artificial gene into an extremophile bacterium (*Deinococcus Radioduras*) with the intention of producing a non-human organism that is the a single time capable of storing and producing a poem. In this article, I would like to outline a specific aspect of the project: one that relates to the very notion of archiving. Now, if, as Derrida states, the archiving structure determines the very quality and matter of the archive, of what a text would be, and of the game of meanings and temporalities that it establishes, when inserted into a bacteria that will probably survive (literally) all human readers who never come into contact with it? What would remain, therefore, of the idea of reading itself (and of an entire related system, such as writing and authorship)? It is from the Xenotext, and the conceptual peculiarities that it proposes in relation to the idea of archive itself, that I believe we would be faced with a type of Xenowriting.

Keywords: Christian Bök; Xenotext Experiment; Archive; Derrida.

¹ Mestrando do curso de Filosofia, pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

(...) um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente na percepção.

(Jacques Derrida)

No alvorecer do sec. XXI Christian Bök, um poeta experimental canadense, dá início àquilo que chama de “Experimento Xenotexto”, um híbrido entre poesia e bioengenharia. Conforme o autor, o Xenotexto

(...) explora o potencial estético da genética, tornando literal o renomado aforismo de William S. Burroughs, que afirma que “a palavra agora é um vírus.” Tal experimento tenta criar um belo e anômalo poema, do qual as “palavras alienígenas” podem subsistir, como um parasita inofensivo, dentro da célula de uma outra forma de vida.

O Xenotexto consiste em um único soneto (chamado ‘Orfeu’), que, quando traduzido em um gene e depois integrado a uma célula, faz com que a célula “leia” este poema, interpretando-o como uma instrução para construir uma proteína viável e benigna – cuja sequência de aminoácidos codifica mais um soneto (chamado “Eurídice”). A célula torna-se não apenas um arquivo para armazenar um poema, mas também uma máquina para escrever um poema. O gene, até o momento, funcionou corretamente na bactéria E. coli, mas o simbiote pretendido é D. radiodurans (um germe capaz de sobreviver, inalterado, mesmo nos ambientes mais mortais). Um poema armazenado no genoma de uma bactéria tão resiliente pode sobreviver a todas as civilizações, persistindo no planeta até o último amanhecer, quando nossa estrela finalmente explode. (BÖK, 2015, p. 150 – grifos e tradução meus).

Bök traça uma curiosa rede de agências através de seu projeto. Ao contaminar a literatura com um maquinário técnico oriundo da bioengenharia, o autor produz uma espécie de texto delirante, capaz de desestabilizar diversas barreiras que estão envolvidas na economia de composição de um texto (desde a autoria até a própria ideia de arquivamento,

que se dissolvem infinitamente nos caminhos do código genético da bactéria extremófila *Deinococcus Radiodurans*²).

A radicalidade proposta pelo Experimento em termos de composição nos obriga a recorrer a outros campos além da teoria literária. Assim, é em Paul Preciado que encontramos um conceito que melhor se aplica para compreendermos o Experimento de Bök, uma vez que este pretende modificar um organismo vivo transformando-o numa espécie de complexo midiático, no qual atuam não apenas regimes de disciplina externos ao organismo – com efeito, o controle imposto sobre a bactéria *Deinococcus Radiodurans* emana de dentro de seu corpo, na medida em que ela se torna um corpo-suporte para a mídia escrita do poema “genético”. O panóptico foi inoculado e implodido: faz parte da própria estrutura arquitetônica e do design dos genes e códigos do corpo. O controle é o corpo. Preciado nomeia esse tipo de regime de farmacopornografia. Para o autor

Somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk [que produz] dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos bimoleculares e multimídia. Nossa economia mundial depende da produção e circulação interconectada de centenas de toneladas de esteroides sintéticos e órgãos, fluidos e células (tecnossangue, tecnoesperma, tecno- óvulo etc.) tecnicamente modificados; [...] depende do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação; o termo [farmacopornográfico] se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos. (PRECIADO, 2018, p. 36)

Pensar no Xenotexto como uma extensão do regime farmacopornográfico nos é útil na medida em que esse conceito é capaz de associar um tipo de política corporal a um

2 A bactéria extremófila *Deinococcus Radiodurans* foi descoberta acidentalmente em 1956 enquanto o cientista Arthur Anderson realizava experimentos de esterilização de alimentos via radiação gamma. Uma unidade de carne enlatada foi exposta a uma quantidade de radiação que se pensava capaz de matar qualquer organismo vivo, mas depois de passados alguns dias sob observação em um ambiente esterilizado, constatou-se que a carne dentro da lata tinha estragado. O agente responsável por isso foi a bactéria extremófila. Sua etimologia vem do grego e do latim, onde *Dein* (δεινός) e *Kokkos* (κόκκος) significam “Grão terrível (ou estranho)”, e *Radiodurans*, do latim, “resistente a radiação”. Os cientistas norte americanos Michael M. Cox e John R. Battista em seu artigo intitulado “O Sobrevivente Consumido”, nos explicam que tal resistência é devida à capacidade da bactéria de compensar “danos extensos no DNA por meio de adaptações que permitem que as células evitem os efeitos potencialmente prejudiciais de quebras de fitas de DNA. Parece que a *D. radiodurans* usa mecanismos que limitam a degradação do DNA e que restringem a difusão de fragmentos de DNA que são produzidos após a irradiação, para preservar a integridade genética. Esses mecanismos também aumentam a eficiência das proteínas de reparo do DNA.” (COX, BATTISTA, 2005 p. 883).

tipo de regime ontológico, produzindo por sua vez um regime de subjetividade que derivaria especificamente dos corpos produzidos por tal regime. De maneira semelhante, tal exercício de confusão entre conteúdo e forma é também efetuado por Derrida, quando esse se debruça sobre o conceito de arquivo:

[...] o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento (DERRIDA, 2005, p. 28-29).

Uma das consequências e especulações do experimento de Bök é justamente a inscrição e arquivamento de textos em organismos biológicos vivos. Dito isso, é inevitável não evocar a questão do arquivo, e como o próprio Derrida coloca, a de seu futuro. Cabe, assim, questionar: como a bio-engenharia está afetando a forma como lidamos com a noção de escrita, no caso a escrita de textos literários, e quais as consequências disso para os arquivos que restarão para as futuras gerações, humanas e não humanas? Será que, no futuro, constituirá um ato comum inscrevermos textos nas células de nossos corpos, – não como em tatuagens ou cicatrizes, que também funcionam como marcas de algo exterior na composição do nosso próprio texto corporal –mas, literalmente: escreveremos uma série de poemas nos genes das células que compõem as vísceras de nossos corpos? O que restaria da relação interior e exterior (xenos), entre memória e arquivo? O Xenotexto me parece uma obra particularmente interessante para mobilizar essas questões, dado o seu alto grau de especulação em relação ao arquivamento e à forma como os humanos podem vir a encarar a noção de livro no futuro. Aliás, Bök chega a afirmar, não sem um quê de ironia, que gostaria de engenhar um poema que pudesse sobreviver à própria humanidade que o criou.

Eu estou, com efeito, projetando uma forma de vida para que ela se torne não apenas um arquivo durável para armazenar um poema, mas também uma máquina operante para escrever um poema – um poema que possa persistir no planeta até que o próprio sol exploda. (BÖK apud Grando e Santos, 2021)

A questão que nos cabe é aquela que abre simultaneamente uma cisão entre passado e futuro: é a questão do corpo-arquivo, do corpo que institui em sua própria viscosidade simultaneamente aqueles signos que o codificam e o decodificam. Gostaria de falar de uma falta de espaço que institui o lugar de uma confusão. Esse não-espaço é aquele do próprio corpo que se torna a um só tempo arquivo e inscrição. Como nos adverte Derrida: “Não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão. Externo, diretamente no suporte, atual ou virtual. Em que se transforma o arquivo quando ele se inscreve diretamente no próprio corpo? Por exemplo, segundo uma circuncisão, em sua letra ou em suas figuras?” (2001, p.8).

A ameaça existe: em que se transforma o arquivo quando ele se inscreve diretamente no corpo – e não qualquer corpo, mas no caso do Experimento no corpo de uma bactéria indestrutível, capaz de sobreviver, quiçá, à explosão do Sol? O que pensar do livro, por exemplo, e do sujeito humanista que simultaneamente conforma e é conformado por tal suporte? Novamente, nos adverte Derrida, nós “não podemos mexer com isso [a forma do livro] sem perturbar todo o resto” (1983, p.3). E, de fato, é a partir do livro, como suporte literário, que gostaria de começar a discussão. Como propõe Bök:

“O Experimento Xenotexto” se esforça para “infectar” a linguagem da genética com os “vetores poéticos” de seu próprio discurso, fazendo-o para estender a própria poesia para além dos limites formais do livro. Prevejo que, à medida que a poesia se adapta à condição milenar dessa tecnologia inovadora, um poema pode em breve se assemelhar a um estranho gênero de ficção científica, e um poeta pode se tornar uma espécie de técnico trabalhando em um laboratório linguístico. (BÖK, 2007, p. 8, tradução minha).

A simultânea explosão e implosão do livro enquanto suporte operada pelo Experimento de Bök deve ser observada com cautela. O livro, enquanto objeto literário, é muito mais do que apenas um sustentáculo para um conteúdo qualquer. Sua instituição e uso comum possibilitaram uma rede de circuitos que alteraria drasticamente não apenas a forma como consumimos informação, mas a própria estrutura da informação que consumimos. De fato, a literatura, enquanto instituição, foi profundamente alterada pela disseminação do livro no mercado. Inclusive, o livro deve ser visto como um dos pilares do sujeito capitalista contemporâneo, na medida em que, enquanto objeto de troca, foi partidário e altamente influenciável em relação a própria ideia da autoria e posse, dois conceitos tão fundamentais

para a formação do capitalismo – bem como de noções legais relacionadas ao direito e uso da informação atualmente. Segundo Adema:

Como McLuhan afirma [...], “a cultura dos escribas não poderia ter autores nem públicos como os criados pela tipografia”. Na forma impressa, uma obra torna-se fechada, separada de outras obras e, portanto, única. Foi a cultura impressa que finalmente permitiu que noções românticas como originalidade e criatividade surgissem e que encorajou o desenvolvimento de nossa noção moderna de autoria. [...] nossa noção moderna de autoria está integralmente ligada, por um lado, ao surgimento da comunicação escrita e impressa e, por outro lado, aos desenvolvimentos no mercado comercial de livros, às crescentes reivindicações acadêmicas por prioridade e crédito e à expansão de ideias relacionadas à propriedade, direitos autorais, criatividade e originalidade. (ADEMA, 2021, p. 75-79, tradução minha)

Diferentes suportes possuem diferentes noções de autoria. O livro impresso concentra a autoria, permite que ela seja negociada como valor mercadológico e único – e essa economia não diz respeito apenas ao mercado. Forma-se, através do livro impresso, uma espécie de retenção de seu significado, um sistema de seguridade, assim como aquele sugerido por Barthes (2004). Um dos outros vários atributos que o autor assinala à noção de autoria é a capacidade de garantir um "mecanismo de segurança" ao texto. "Dar um Autor a um texto é impor um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita." (BARTHES, 2004, p. 60). O termo, no original, é *cran d'arrêt*, que podemos traduzir como “canivete”. A escolha de tradução no texto usado como citação de fato indica uma forma de defesa que se baseia num mecanismo de segurança, que não se defende de maneira passiva, mas ativa – e com contornos violentos. É como se o humano estivesse a todo o custo tentando evitar um assalto que eventualmente lhe fosse acontecer, que poderia vir de qualquer lugar que estivesse fora do seu plano de conhecimentos. Assim, o humano, como uma base militar que ostenta em seu exterior um intricado mecanismo de armas de ataque, se isola do exterior e do ambiente que o cerca através dos projetos que arquitetou para sustentar sua subjetividade metafisicamente estável e coerente.

“A autoria mata o texto ao estabilizá-lo. É a autoria nesse sentido que tenta atribuir um sentido definido e que tem sido utilizada ao longo dos séculos como estratégia para ler o sentido nos textos. Esse processo atinge seu ápice, como já estabelecemos, na sociedade capitalista, onde obra e autor se unem em um produto comercial” (ADEMA, 2021, p.83). Livro, Capitalismo e Autoria integram um único e mesmo circuito que se

retroalimenta e tem como fundamento a concentração, que pode ser tanto de propriedade, de significado ou, propriamente, da posse do arquivo do texto e, portanto, da história que simultaneamente o possibilita e é por ele possibilitada. A informação se torna sinônimo do poder daquilo que Adema define como “sujeito essencialista-liberal-humanista”. Para a autora, tal sujeito traduz

[...] um claro antropocentrismo, uma reafirmação do primado do homem, que se manifesta na fetichização do autor humanista racional, individual, original, liberal, entendido como agente autônomo responsável pela criação do conhecimento. Mas, além desse foco romântico no autor-sujeito, esses essencialismos humanistas também são realizados por meio do livro, refletidos tanto no livro como objeto quanto nas práticas sociais forjadas em torno dele – isto é, na maneira como o livro é percebido como uma mercadoria fixa e encadernada, como um trabalho original que pode ser propriedade e protegido por direitos autorais de um autor-proprietário. (ADEMA, 2021, p. 9, tradução minha).

A partir de uma reconfiguração dos sistemas envolvendo a produção e a circulação histórica do livro, podemos pensar uma curiosa abertura para esse arquivo vivo proposto pelo Xenotexo. Ora, o formato do livro e seu correlato histórico humanista são moedas relativamente intercambiáveis. O livro, enquanto suporte recortado e acabado, é filho do humanismo tanto quanto a noção moderna de humano (e homem) que o delimita. O Experimento, no entanto, nos propõe um sistema que pretende fugir de uma lógica de consumo humanista-antropocentrada – e isso nem tanto por conta de uma relativamente óbvia associação entre uma rede de inteligências humanas e não-humanas e o processo de co-autoria bacteriana (que por si só já colocam em confusão uma certa metafísica da autoria), mas porque desloca completamente os sistemas de significado antropocêntricos ao desestruturar o sistema que compreende a circulação comercial e material do livro enquanto suporte informacional. Bök esclarece a ponte que estamos tentando estabelecer:

Somos provavelmente a primeira geração de poetas que pode razoavelmente esperar escrever literatura para um público maquínico de colegas artificialmente intelectuais. Já não é evidente pela nossa presença em conferências sobre poética digital que os poetas de amanhã provavelmente se assemelharão a programadores, exaltados, não porque possam escrever grandes poemas, mas porque podem construir um pequeno drone com palavras para escrever grandes poemas para nós? Se a poesia já carece de leitores significativos entre nossa própria população antropóide, o que temos a perder escrevendo poesia para uma cultura robótica que deve inevitavelmente suceder a nossa? Se quisermos

cometer um ato de inovação poética em uma era de esgotamento formal, talvez tenhamos de considerar essa opção até então inimaginável, mas mesmo assim proibida: escrever poesia para leitores inumanos, que ainda não existem, porque tais alienígenas, clones ou robôs ainda não evoluíram para lê-lo. (BÖK, 2005, p. 17, tradução minha)

Para pensarmos em um livro viscoso, um tipo de objeto que instaure um arquivo vivo e por isso mesmo instável, é preciso que pensemos igualmente em um leitor em estado de igual viscosidade. Como o leitor maníaco de Queneau e de seu soneto inesgotável, temos de conceber essa até então imaginada, mas ainda assim proibida proposta: leitores não humanos para livros não humanos. É possível que Bök, enfim, não esteja escrevendo seu texto para nós, humanos, decodificarmos seu sentido – mas para alguma entidade extraterrestre, fechando a conta do teor conspiratório-astrobiológico que todo o Experimento carrega como plano de fundo narrativo. E, como vimos, essa entidade extraterrestre estaria na própria origem da nossa vida, da vida terrestre, nos remetendo diretamente às bactérias, essas sementes terríveis, as criaturas mais velhas do nosso planeta.

Nesse ponto, é importante lembrarmos que o Experimento ainda não funciona propriamente no organismo ao qual foi primeiramente designado. Bök já inseriu e armazenou seu gene com sucesso em colônias de E. Coli. O organismo da D. Radiodurans, no entanto, ainda possui resistência imunobiológica a seu “gene poético”, sempre engolindo, criticando e dissolvendo-o: como propõe Bök, se ele não produziu o primeiro organismo biológico e poeta não humano, produziu o primeiro crítico não humano. Por enquanto, lidamos com uma falha, um livro sempre por vir, um arquivo doente. Nutrido nessa falha conceitual, o Experimento parece fazer ainda mais sentido. Ora, se por um lado é verdade que Bök propõe que os livros do futuro poderão estar injetados em nossos corpos, por outro toda a proposta do Experimento Xenotexto percorre um caminho oposto. Inscrito no gene da bactéria extremófila, o poema exigiria um procedimento de leitura tão radical que literalmente seria capaz de sobreviver a qualquer tipo de interpretação e leitura antropológica, no sentido mais literal e biológico possível – afinal, estamos falando de um suporte infernal, capaz de sobreviver até mesmo a uma bomba atômica. Como poderíamos prevê-la ou preveni-la? Que tipos de significados poderiam ser arquivados por tal forma de escritura – e como nós seríamos capazes de ter dimensão temporal de tais significados? É a partir dessas perguntas que Brian Rotman, filósofo e matemático que originalmente cunhou o termo “xenotexto”, parece pensar a questão do arquivamento e do sentido:

Os textos em papel apontam para trás: eles se oferecem para entregar o que foi depositado, algo enterrado em um cofre no passado. Seu valor decorre da promessa dessa redenção, a possibilidade de recuperar, pelo menos em princípio, algum "significado" original e auto-afirmativo. O xenotexto não oferece redenção, nenhuma promessa escrita de tesouro escondido, nenhum ícone de valor, nenhuma entrega de alguma espécie preciosa e proto-significativa. O que era um significado passado, esperando intacto e inteiro para ser reivindicado, independente do ato de recuperá-lo, é deslocado por um significado futuro desmitificado, fraturado, aberto e inerentemente plural. Para o xenotexto não há nada para recuperar; só há linguagem em estado de interpretação potencial e nunca atualizada. O que significa é sua capacidade de significar ainda mais. Seu valor é determinado por sua capacidade de trazer leituras de si mesmo. Um xenotexto, portanto, não tem um 'significado' último, nenhuma 'interpretação' única, canônica, definitiva ou final: ele tem um significado apenas na medida em que pode ser levado a se engajar no processo de criação de um futuro interpretativo para si mesmo. Ele 'significa' o que seus intérpretes não podem impedir que signifique. (ROTMAN, 1987, p. 102, destaque e tradução meus)

A proposta de Rotman para um “xenotexto” se baseia a partir de um suporte que seja atormentado pelo conceito do papel, mas que não seja inscrito em papel – o autor se pergunta: “O que substitui o texto em papel? Como seria a ordem dos signos linguísticos adequados a tal xenotexto? [...] Quais seriam os protocolos para a leitura dessa escrita? De onde viria o que significa?” (ROTMAN, 1987, p. 101). A resposta de Bök torna-se clara ao nomear seu projeto de Xenotexto: um poema inscrito na própria bios, uma espécie de biografia em que participam um maquinário científico multimilionário e um poeta performando um poema quase eterno. O poeta faz, inclusive, uma referência aberta a Rotman ao selecionar a passagem destacada na citação acima como epígrafe do Livro I. E quanto a seus protocolos de escrita – significado – leitura? O papel, diz-se, aponta para o passado. Seu sentido funciona a partir de um índice pré- definido, original e auto-afirmativo. Ele, portanto, representa um tipo de arquivo estável e acabado – tal como o livro é um arquivo estável e acabado. O regime metafísico determinado pelo livro, como vimos, é um regime de signos estáveis – facilmente comercializáveis e controlados. A ideia de um “xenotexto”, por outro lado, indicaria um arquivo aporeticamente aberto ao futuro. Não existe algo a ser recuperado. Seu significado, vivo, sempre estaria por vir – sempre por vir, o que quer dizer, seguindo Derrida (2001), sempre imprevisível, sempre na região daquilo que vive e, por isso mesmo, não se sabe para onde se dissemina, se dispersa. Como sugere o filósofo francês:

Num sentido enigmático que se esclarecerá talvez (talvez, porque ninguém deve ter certeza aqui, por razões essenciais), a questão do arquivo não é, repetimos, uma questão do passado. Não se trata de um conceito do qual disporíamos ou não disporíamos já sobre o tema do passado, um conceito arquivável de arquivo. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã. O arquivo, se queremos saber o que isso teria querido dizer, nós só o saberemos em um tempo por vir. Talvez. Não amanhã, mas num tempo por vir, daqui a pouco ou talvez nunca (DERRIDA, 2001, p. 50).

Mais radical do que Rotman, a aposta de Derrida se baseia na ideia de que qualquer impulso de arquivamento, independente de seu suporte, estaria sempre inscrito em relação a um tempo por vir. O filósofo faz uma importante distinção entre este conceito e o de futuro (DERRIDA, 2002). Para ele, o futuro pertence a uma futurologia, a algo agendado, programado. Pode-se, de certa maneira, prever o futuro. Que às segundas procedem aos domingos e antecedem às terças, é algo da ordem do futuro. O futuro é um circuito fechado e quantificável. Portanto, um sistema, assim como um livro de papel aqui é visto como um sistema de significados fechados e determinados, por exemplo. O por vir, por sua vez, participa da ordem do imprevisível. É aquilo que, no futuro, existe de improgramável. Para dar outro exemplo mais ou menos banal: se é verdade que os dias da semana vão inevitavelmente suceder uns aos outros, nada pode antecipar a morte, que pode ter lugar em qualquer um deles, por exemplo. A morte é aquilo que interrompe o programa do futuro e da futurologia. Diante dela, existe apenas o imprevisível, o por vir.

A noção de arquivo derrideana se confunde tanto com sua ideia de por vir quanto com a ideia de xenotexto, uma vez que ambas se abrem não apenas para um futuro, no sentido de uma certa linearidade temporal, mas principalmente para um talvez, para uma eterna impossibilidade possível (ou uma possibilidade impossível) de que o texto entre enfim em contanto com um leitor – quem sabe ainda inexistente. O Xenotexto, afinal, nunca se entrega, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente na percepção humana.

Seu leitor, igualmente, parece eternamente embrenhar-se nas camadas de um por vir desconhecido. Que o poema esteja escrito em inglês, por exemplo, é um índice aporético disso: ali, nenhuma língua sobreviverá à queda das torres de babel do tempo e às línguas de fogo que cairão dos céus, como meteoros, para substituir as línguas humanas. E igualmente, nenhum conceito de poesia sobreviveria nesse ambiente desolado. “A presença da poesia

está por vir: ela vem para além do futuro e não cessa de vir quando está ali” (BLACHOT, 2005, p. 352).

Nesse cenário, como podemos pensar o conceito da biografia? O problema apontado logo no início desse capítulo por Derrida – uma inscrição feita em nosso corpo, muito próxima de nosso corpo, próxima demais a ponto de ser o próprio código que a constitui: como podemos pensá-la? O grafo da vida, aqui, essa inscrição da vida na vida, da vida sobre a própria vida o que ela pode querer dizer após o Xenotexto? Como afirma Bök: “acreditamos que, com essa gigantesca tecnologia, os livros do futuro podem não mais assumir a forma de códices, pergaminhos ou tablets, mas, em vez disso, se integrar na própria vida de seus leitores.” (2009, p. 7 – tradução minha).

No próprio corpo, elástico e editável, quem sabe – ali, no corpo do leitor, estará também inscrito, literalmente, sua biografia. Nas células de seu estômago, de seu braço, nas células de seu cérebro, de sua barriga, de sua mão – e nos genes de outros micro-organismo, em constante interação com nossos corpos (a exemplo das próprias bactérias). Se o vírus é algo que nos obriga a reconsiderar a lógica da escritura, talvez as bactérias sejam responsáveis por nos ajudar a reconsiderar a lógica do que é o corpo: onde começa sua biografia onde acaba. Onde falam as bactérias e onde fala o humano que as carrega em suas entranhas?

*

Se Bök tenta criar um arquivo eterno com seu poema, falha por conta da própria lógica do arquivo: do que esses signos se lembrarão senão de sua própria morte? Pois é a partir da morte, de algo que define uma coisa significativa, que todo o significado parece evaporar-se e elidir-se eternamente do presente.

Talvez, sempre um talvez, o Xenotexto seja uma composição que nos leva a nos despir de todo nosso significado antropomórfico – o mercado, o livro, o corpo, a economia, a metafísica da autoria etc. –, na tentativa de nos colocar em contato com o xenos, com as formas de fora – com o extraterrestre que paradoxalmente nos deu o presente da vida.

Enfrentando nossa própria morte, assim como Orfeu, que precisa morrer e descer aos infernos numa tentativa de resgatar sua querida Eurídice – quem sabe assim nós encontraríamos o amor que nos foi prometido pela voz espectral que primeiramente nos recepcionou nesse grimório infernal que constitui o (nosso) mundo construído pelo Xenotexto?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEMA, Jannake. Living Books. London: The Mit Press, 2021

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BÖK, Christian. The Piecemeal Bard Is Deconstructed: Notes Toward a Potential Robopoetics. UBU editions, 2005. Disponível em: <https://ubu-mirror.ch/papers/ol/Bök.html>. Último acesso: 23/06/2022.

_____. The Xenotext: Book I. 1 ed. Canada: Coach House Books, 2015.

_____. The Xenotext Experiment. New York: UBU editions, 2007. Disponível em: <https://ubu-mirror.ch/ubu/index.html>. Último acesso 23/06/2022

DERRIDA, Jacques. Derrida (2002). Youtube, 9 de jul. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J5HOJISEXvA>>. Acesso em 19 dez. 2022.

_____. Mal de Arquivo. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

PRECIADO, Paul. Testo Junkie. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROTMAN, Brian. Signifying Nothing. California: Stanford University Press, 1987.

GRANDO, Diego. SANTOS, Andressa. O POEMA IMORTAL DE CHRISTIAN BÖK. Vol. 35, n.º 3, 2021, pp. 286–299. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.657. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia>.